

# DON QUIXOTE

JORNAL ILLUSTRADO de Angelo Agostini

R. OUVIDOR 109



D. Quixote, fiel à sua promessa, tem a satisfação de poder ainda este anno saudar os seus leitores e desejar-lhes boas festas e outras chapas do costume.

## EXPEDIENTE

## PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.....	25\$000	Anno.....	30\$000
Semestre....	14\$000	Semestre....	16\$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importância das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

## DON QUIXOTE

RIO, 28 DE DEZEMBRO DE 1895.

## A NUVEM NEGRA

Chegou ante-hontem a esta capital o illustre e benemerito general Innocencio Galvão de Queiroz, vindo do Rio Grande do Sul, onde todos sabemos o papel glorioso que representou na obra da pacificação.

Porque motivos deixou o general o seu commando militar, quando a obra da paz não se acha consolidada, nem pôde haver confiança nas promessas dos amigos e correligionarios do Sr. Julio de Castilhos?

Fêl-o porventura com o intuito de voltar ao seu posto de combate, ou altas razões de estado privarão definitivamente o Rio Grande do Sul da influencia benéfica d'este illustrado militar?

Perservera o Sr. presidente da Republica em sua sagrada missão de congrassar a familia brasileira, fazendo respeitar á custa de toda a sorte de sacrificios o pacto de 23 de Agosto, ou desfalleceu acaso, he-sita, recua?

Ahi estão interrogações, a que não é facil dar segura resposta, quando se não tem o conhecimento dos altos segredos da administração. E todavia a questão é da maior gravidade e não pôde deixar de perturbar o espirito dos verdadeiros patriotas, empenhados em vêr restituídas effectivamente aos bravos filhos do Rio Grande do Sul as garantias constitucionaes, de que um governo despota os priva ha tres longos annos.

O que se sabe e se vê é que os infelizes federalistas que demoram lá pelas visinhanças da fronteira, correm sempre o mesmo perigo, são perseguidos e assassinados como d'antes.

O que se sabe e se vê é que o celebre João Francisco, sem se haver lavado da mancha da barbaria e ainda sob o peso das mutilações indignas de Campo Osorio, — esse gaúcho valente mas deshumano impéra como sempre na campanha e faz ho-

je tão pouco caso das ordens do commandante do districto, como fez ha seis mezes das ordens do Presidente da Republica mandando entregar o corpo do almirante Saldanha da Gama á sua desolada familia.

O que se vê mais é que as famosas auctoridades continuam a desmentir todas as noticias, ainda que se citem os nomes e as moradas das victimas do castilhismo immoladas ao furor da politica de sangue.

O que vimos ante-hontem, finalmente, com desgosto sim, posto que não com espanto, foi que ao desembarque do illustre general Galvão concorreram delegados e emissarios da Presidencia da Republica, do quartel-general, de outras auctoridades superiores, mas não concorreu sequer um ajudante d'ordens do Sr. marechal Bernardo Vasques, ministro da guerra.

Porque? Serão verdadeiros os boatos que correm de desintelligencia radical entre o referido ministro e o benemerito pacificador do Rio Grande?

Mas se essa desintelligencia existe, e porventura tem por causa as sympathias velhas do Sr. marechal B. Vasques pelo castilhismo, não se comprehende que o digno ministro persevere no posto de confiança que occupa, contra os intuitos do chefe do Estado, que até hoje não cessou de dar ao general Innocencio Galvão as mais significativas provas de apreço.

Em meio de tantas duvidas que nos sobressaltam, só uma cousa parece certa e indubitavel. E' que desponta outra vez para as bandas do Sul uma nuvem negra, prenuncio quigá de tempestades e de novas desgraças. Oxalá nos illudamos; mas essa nuvem, que é o producto eterno dos odios castilhistas exasperados pela cessação do morticínio, e mais do que tudo talvez, pela cessação dos fabulosos rendimentos da guerra civil, — essa nuvem negra pôde engrossar e trazer no bojo um novo cyclo de calamidades sociaes.

Não nos cabe a nós decerto aconsellar o illustre presidente da Republica. Entendemos todavia que o chefe do Estado tem hoje perante o mundo o compromisso solemne de garantir a paz, e para isso não ha obstaculos que lhe devam pear os movimentos, comtanto que fique dentro da lei e da constituição. A condescendencia e a fraqueza não cabem a quem governa. Para a conquista de um ideal glorioso removam-se os estorvos, e a nação saberá applaudir o braço forte e justo do seu primeiro magistrado.

O que urge é conjurar a renovação das desgraças. O Brazil o espera.

## AGRADECIMENTO

A seus collegas da imprensa, amabilissimos nas referencias ao regresso do director d'esta folha, confessa-se summamente grato e lhes apresenta seus cumprimentos,

ANGELO AGOSTIN.

## MONRÖE

E' paladino do tal Monröe  
Esse ladino Nilo Peçanha...  
Porque é que assim tanto se assanha?  
Onde o do-dõe?  
—Monröe... Monröe...

Elle gritou que o tal Monröe  
Era doutrina de sapo-entanha;  
E' que o subsidio Nilo Peçanha  
Röe bem... (se röe!)  
—Só por Monröe.

Alli, na casa do *sór* Monröe  
Um deputado qualquer se acanha...  
Um se apresenta: nem é Peçanha:  
Oscar Godoy!  
—Monröe... Monröe...

Se diz do Grande e bom Monröe,  
O Nilo o ouvido á gente arranha;  
Certo e que a *caique* elle arrebanha...  
Mas tanto möe  
O tal Monröe!...

Nilo Vertenza de Tal Monröe  
E' romancista, que outro não ganha!  
Dumas, Bourget, Lotti (Peçanha!)  
Nem o Tolstoi,  
Monröe... Monröe!

Viva o Vertenza! Viva Monröe!  
Se alguém disser que não—apanha,  
Assim decreta Nilo Peçanha...  
Tu mesmo Pöe,  
Se dizes não—elle te alanha:  
E só Monröe!  
Monröe! Monröe!

FÉLIX.

## NOTICIARIO

A redacção do *D. Quixote* passa sem novidade na sua importante saude, tanto mais quanto não frequenta casas de espiritismo nem assiste ás discussões da camara do Sr. Glycerio.

\* \* \*

O *Paiz* d'estes ultimos dias tem se mostrado menos violento, justificando o seu applauso ás moções do Congresso endereçadas ao presidente Cleveland, que só agora lembrou-se de lembrar-se da doutrina de Monroe.

Mas nem por isso é licito crer que o Paiz arrefeceu o seu enthusiasmo: apenas está um pouco menos hemonroidario.

\* \*

O sr. Medeiros de Albuquerque, deputado illustre e espirita, declarou na camara que o archivo do Marechal (com m grande) está em seu poder, é d'elle Medeiros, que ha de de tal preciosidade fazer o que quizer, quando e como muito bem lhe aprouver.

A camara, convencida, disse apoiado. Cá por nós, diremos apenas: que topete!

\* \*

N'um *meeting* clevelandista em New-York cerca de 100.000 pessoas presentes, os oradores foram vaiados e batidos, ao passo que os ouvintes tambem entre si esmurramaram-se a socco velho.

Alli em S. Paulo tambem *meetinguistas* cheios de enthusiasmo monroico tiveram a desdita de verem-se presos pela policia, acabando em rolo a arenga americanista.

Só aqui no Rio de Janeiro correu placidamente o *meeting* ao mesmo tempo monroico e jacobino: é que os seus promotores tomaram a sabia providencia de serem elles sós os oradores, os assistentes, e os applaudidores. Seis ao todo.

\* \*

Por causa do excessivo calor, apresenta-se d'esta vez assim tão minguido, o noticiario de

ESCENA &amp; MONTRY.

## NO BORRALHO

Ouvi dizer que foi gratificado pela directoria da Companhia de S. Christovam o cocheiro chapa nº 81.

A gratificação foi de dez mil réis, o motivo foi ter o mesmo cocheiro achado um anel de ouro com um pedra e deposital-o na 14ª delegacia.

Felizmente já não ha invejosos no mundo, me parece; pois uma acção tão bonita, como a do dito cocheiro, em vez de despertar ciumes e encher-o de inimigos, galardôa-o, premeia-o.

Ainda bem. Mas por que foi a Companhia de S. Christovam que gratificou a entrega do objecto perdido?

\* \*

Confesso que essa pergunta, que, eu mesmo a fiz, embarça-me.

Sim. O que de vera ser era que o dono

do objecto perdido fosse o gratificante; mas a Companhia?

Só vejo uma explicação, uma ou duas: Ou a Companhia acha extraordinario o facto de se achar um anel na rua, ou a Companhia acha extraordinario o seu cocheiro. Ou ella se admira do seu empregado ser honesto, ou se admira de haver ainda quem perca um anel n'estes tempos.

Eu me admiro de tudo, do anel, do cocheiro e da Companhia; só não me admiro dos burros não terem achado, porque burros não tem dedo; mas me admiraria se esses achassem e não depositassem na 14ª delegacia.

\* \*

Não está direito. Bem entendido que me refiro á Companhia. Que o cocheiro entregasse o anel, eu tambem o faria; mas depende de circumstancias, porque esse homem, a meu ver, deve ser solteiro e não ter namorada, se não...

Mas a Companhia gratificando-o insinua aos outras companheiros do chapa nº 81 que não esperava contar entre os seus empregados um, que entregasse o que lhe não pertence; ou então a Companhia paga pelo que os outros acham, para quando perder alguma cousa, irem-lh-a entregar.

\* \*

Ainda ha considerações. Certas donas de casa costumam deitar nikes pelos cantos para experimentarem a fedilidade dos creados; quem sabe se a Companhia não é a propria dona do anel?

O facto, por outro lado, de se pagar a quem acha o alheio, leva muitos a pegarem do que não lhes pertence, só para depois restituirem e comerem a gorgeta.

Demais, qual é o premio da virtude?

Uma boa acção que tem a recompensa neste mundo, em dinheiro, não tem valor.

Não culpo o cocheiro que acceitou a gratificação; culpo a Companhia de S. Christovam que tirou o merito do homem. Ora bolas! culpo ambos. Tão bom é o que pagou como o que acceitou.

Quem lucrou só foi o dono do anel que ficou com o dedo e com a argola.

\* \*

«Tornando-se effectiva a creação de duas sub-directorias no Thesouro Federal, uma de Rendas, outra de Contabilidade, com isto aproveitaram alguns ex-empregados da Fazenda, injustamente fóra do quadro activo dos funcionarios publicos.»

Isto dizem as *Varias*, mas não foi este propriamente o pensamento do Governo.

Ha muito empregado por ahi, que vae vivendo como póde. O sentido, a intenção do illustre Governo foi utilizar os serviços do eminente empregado do Thesouro, Sr. Arthur Peixoto, cujas luzes, em materia de contabilidade estão se apagando na inactividade a que o obriga uma licença forçada que lhe derão no dia em que foi nomeado e querem perpetual-a para sempre.

O genial mancebo está até mal visto pelos seus collegas que fazem pouco da sua aptidão para o trabalho que lhe commetteram.

Parabensao paiz que vae agora apreciar o talento do sr. Arthur Peixoto, empregado do contencioso ha um rôr de annos, e onde nunca, para felicidade sua (d'elle quem?) pôs os pés.

GATO PRETO.

## GENERAL GALVÃO DE QUEIROZ

A redacção do *D. Quixote* tem a satisfação de apresentar suas homenagens ao illustre pacificador do Rio Grande, que ha pouco chegou a esta capital.

As saudações entusiasticas com que foi recebido esse patriota, honra de sua classe, e benemerito brasileiro, juntamos as nossas que são sinceras, insuspeitas, desde que formámos na fileira dos paladinos da paz,—embora na campanha gloriosa houvessemos occupado o mais humilde e o mais obscuro posto.

## BELLAS ARTES

Sinto bastante que um jornal tão conceituado, como é o *Jornal do Commercio*, publicasse, na sua secção editorial de *Bellas Artes*, um artigo que não tinha outro fim senão desprestigiar perante o publico um artista da ordem do Sr. R. Bernardelli.

Se esse artigo fosse da propria redacção do *Jornal*, o Sr. Bernardelli provavelmente teria directamente ou indirectamente respondido a todas as inverdades que n'elle se encontra. Mas... assignado pelo Sr. Parreiras, elle entendeu e muito bem de não dar importancia, nem discutir com quem não tem competencia para tratar de assumpto d'essa ordem.

Com certeza o nosso collega não supunha que, emprestando gentilmente as columnas do seu jornal a um artista, este se servisse d'ellas para desprestigiar quem, assim como Carlos Gomes, mais alto levantou a arte na nossa terra, melhor a representou no estrangeiro, e mais chamou sobre si a attenção do mundo artistico européu, merecendo pelos seus trabalhos a honra de ser condecorado pelo rei Humberto.

Carlos Gomes e Rodolpho Bernardelli, eis os dois grandes artistas mais conhecidos que nos honram no estrangeiro.

O defeito do Sr. Bernardelli é, não só ser bom patriota, como brasileiro de mais, apesar de ter nascido no Mexico. Por



Aos illustres presidentes do Senado e da Camara, D. Quixote oferece de festas alguns generos de primeira necessidade, para serem distribuidos, em doses convenientes, aos illustres parlamentares que mais precisem.

Ao Exm. Sr. Presidente da Republica oferecemos, com a nossa dedicacão, esta pequena vassoura para com ella afastar as aranhas que de novo estão formando teias em torno de S. Excellencia

isso elle sacrificou os seus interesses para levantar a arte nacional na sua patria adoptiva, soffrendo muitos incommodos e um sem numero de decomposturas da parte d'aquelles que se julgaram sacrificados pela reforma dos estatutos da nova Escola de Bellas-Artes.

E' evidente que si Bernardelli não tivesse o defeito, (hoje é defeito) de ser dotado de um grande coração, não só de patriota como de amigo de jovens artistas brasileiros que protegeu, elle seria mais rico, não tendo sacrificado nem o seu tempo nem a sua paciencia a aturar innumeras massadas que como reformador e director teve de supportar.

Poderia commodamente e egoisticamente, sem se importar que a Academia e a Arte Nacional fossem pela agua abaixo, ter executado os innumeros e importantes trabalhos que lhe eram encomendados. O proveito seria d'elle; e hoje, outra estatua equestre, a do Duque de Caxias, figuraria em bronze, (assim como a do Ozorio) no bello Largo do Machado.

Mas como o Mexicano de nascimento é mais brasileiro do que esses pulhas que não teem a menor idéa do que é dedicacão á patria, elles não podem comprehender a grandeza de caracter de quem lhes faz a honra de ser seu patricio.

Ha, dizem, um grande partido chamado *nativista*. Não me admiro; em toda parte ha imbecis.

Aqui, porém, na America, no Brasil, quem for nativista é mais do que imbecil, é... tudo o que quizerem... Sobre-tudo quando se trata de Arte.

Eu queria só saber se os taes nativistas que nasceram ou em Jacarepaguá, ou na cidade da Meia Pataca, ou allures, foram consultados acerca da escolha de sua nacionalidade quando a parteira lhes cortou o umbigo?!

Ora bolas!

X.

## A SEMANA

Ah! meus senhores, no Rio Grande  
Quem pise agora corre seu risco,  
Pois não ha força que o braço abraque  
Do João Francisco.

Demais o homem tem companheiro  
Valente, como — só elles dois,  
Chama-se o amigo Vital Ribeiro,  
Que mata gente, que rouba bois.

Os telegrammas mentir não deixam.  
Os de Rivera dizem que o affeito  
Vital (e os diarios todos se queixam)  
Degolou oito.

Oito pessoas que acreditaram  
Nas garantias que lhes sorriram,  
E os pés na Patria mal ensaiaram  
As proprias covas com os pés abriram.

Mas não é tudo; porque ainda, afóra  
Estes, por sorte tão desgraçada,  
Tambem passaram uma senhora  
E uma creada...

Que tal a vida no Rio Grande?  
Quem pise n'elle corre o seu risco,  
Pois não ha força que o braço abraque  
Do magarefe João Francisco.

Deixar o officio? que sorte ingrata:  
Quem pela morte morre de amores  
Matando homens seu tempo mata...  
Degoladores!

\* \* \*

Muito embora alguns se vão  
Até 30 deste mez,  
Temos ainda fallação,  
E consta que em... portuguez.

Por um pingo, por um dia,  
(Oh! S. Sylvestre, meu bem!)  
Que a sessão acabaria,  
D'este anno, no anno que vem.

E como acabava aquillo!  
Santo Deus! os deputados  
Andam tão atabalhados,  
Que já variam de estylo!

Como se tratam! que festa!  
(O silencio é feito a murro):  
«— V. Ex. é uma besta!  
— E V. Ex. é um burro!

— Onde escondeste a navalha?  
— Pódes fallar, não te escuto.  
— Bandido, ladrão, canalha...  
— Desbriado, prostituto... »

Se não acaba em dezembro,  
Riria bem quem não riu.  
Chamar prostituto a um membro?!...  
Coisa que nunca se viu!

« Chora Mané, não chora, »  
Chora que já não ha mais  
(E nem mais remedio agora)  
Os Bancos Regionaes.  
Foi-se a emenda mar afóra...  
Maldita emenda onde vaes?  
E ella, curva, vae-se embora!  
E tudo me diz agora  
Que não virá nunca mais.  
Cahiste, emenda, em má hora,  
« Chora Mané, não chora. »  
Adeus Bancos Regionaes!

F. MENDES.

## O ALCOOLISMO

Os jornaes da semana referiram o caso extraordinario, unico, pavoroso e fantastico, de uma menina de 6 annos que morreu por ter abusado do alcool: por haver tragado de um só jacto meia garrafa de paraty.

E' simplesmente horroroso este caso de alcoolismo!

O que se consome na capital federal, ex-niuito—leal—e—heroica—cidade de S. Sebastião, de bebidas alcoolicas e productos derivados da mesma substancia em extremo perniciosos, ninguem o imagina nem pode avaliar. A repartição da estatística, que aliás não pôde estabelecer um computo, nem mesmo approximado, da população fixa nem da adventicia d'esta capital, seria incapaz de traçar um mappa em que se encontrassem algarismos quasi veridicos, relativos á quantidade de alcool que esta heroica população deglute durante o dia, a semana, o mez, o anno. O alcool, ou cousa que o valha, que a mesma população ingere, do mesmo modo illudida, como o outro que usa por pomada de cheiro cousa muito diversa, — o alcool tem caminhado muitissimo entre nós, na sua conquista victoriosa, cada vez mais notavel.

Mas, uma menina de seis annos, morrer por haver bebido meia garrafa de paraty! E' muito; é demais.

Isto é symptomatico de uma dehiscencia

extraordinaria de costumes... e tambem de uma elevação enorme de grãos na cachaça que o povo ingere diariamente.

Pediriamos ao Sr. prefeito...

Perdão; não pedimos ao Sr. Prefeito, nem á sua junta de hygiene, nem a nenhum dos poderes municipaes, se não uma cousa:—uma cedula já impressa, para as primeiras eleições que se realisarem cá por estas bandas.

M. P.

## RABISCOS

Mais algumas victimas registram os noticiarios, do assanhado espiritismo que alastra esta cidade e pretende subvertel-a.

Mais uma mulher succumbiu allucinada; uma outra foi á policia pedir que recolhessem ao Hospicio um seu irmão que está completamente doudo, graças ás praticas spiritas, que já n'aquelle Hospicio haviam atirado uma outra irmã sua.

Um medico declara pelos jornaes que o tal espiritismo matou um seu doente; os jornaes trazem uma serie de acusações terriveis contra um tal Abalo, useiro e veseiro em patifarias spiritas; e ao cabo de tudo...

\* \* \*

... e ao cabo de tudo o Torterolli cada dia funda mais uma congregação, os mesmos jornaes annunciam conferencias spiritas, e a cousa vai alastrando, alastrando de um modo descomunalmente assombroso!

Morra quem morrer, o Torterolli vai *espiritando* por ahi além, e os mandingueiros vivendo á vontade, como se a cousa não fosse com elles.

E' verdade: o Sr. chefe de policia já deu uma providencia contra a pratica da tal historia: expediu circulares aos seus delegados.

Com essas circulares e um pouco de cevada ao rabo—breve estará morto o espiritismo...

E até lá, outras victimas irão parar ao Cajú ou ao casarão da praia da Saudade.

\* \* \*

Aliás, no cemiterio ou no hospicio, parece que essa gente ficará mais tranquilla, no pensar do tal Abalo,—mesmo porque liberta estará de ouvir tanta tolice a proposito da celebrisada doutrina de Monroe, e mais não ouvirá fallar no arbitramento proposto pela Inglaterra, acerca da posse da Ilha da Trindade.

O inglez teve graça. Apanhou alli assim uma ilha nossa que andava esquecida e abandonada por nós; apropriou-se d'ella e agora vem muito lampeiro e disfarçado pedir uma arbitragem, isto é, que um terceiro resolva se o que é nosso é nosso mesmo, ou se do bife que nol-o bifou.

Tem graça—e pouco escrupulo; mas o arbitramento, isso creio que não terá.

Quanto ao accesso de amores por Cleveland, de que sentiu-se recentemente atacado o senado e com elle a camara dos deputados, e que foi manifestado por intermedio de mensagens congratulatorias ao mesmo barrigudo presidente — esse accesso já passou, ou pelo menos arrefeceu muitissimo.

O Brasil, por seu congresso, perdeu uma boa occasião de ficar calado. Discutindo com a Inglaterra uma questão em que vão empenhados a sua dignidade e o seu brio, os cumprimentos a Mr. Cleveland têm a significação pouco airosa de um pedido anticipado de protecção e amparo—e o que é tanto, ou mais indigno do que o arbitramento, a que somos todos adversos.

Emfim está feito e contra factos consummados não valem discussões...

\* \* \*

... como n'esse triste acontecimento que impressionou a roda litteraria, e tambem a politica d'esta capital, e que enluctou uma familia respeitavel — a morte de Raul Pompeia, o auctor do *Athenou*.

O suicidio d'esse moço, illustre pelo seu talento e notavel pela rigidez de caracter, é caso incomprehensivel e tem sido objecto de vivos commentarios.

O lamentavel desenlace d'essa existencia, que deveria ter sido consagrada unicamente á litteratura, em que o moço escriptor foi um grande, e um forte, impressionou muito, muitissimo; — e tanto, que até causou excessivas manifestações de condolencia pelo seu passamento, realmente doloroso para as lettras patrias.

A camara dos deputados votou uma moção de pesar — contra as praxes e estylos d'aquella casa; e no conselho municipal já foi apresentada proposta para dar-se á rua de S. Clemente o nome de rua Raul Pompeia.

De accordo que muito valor, como litterato, tinha o finado escriptor; mas por agora dir-me-hão onde fica a rua Joaquim Manuel de Macedo, a rua Gonçalves de Magalhães, a rua Theophilo Dias, a rua Bernardo Guimarães, e muitas outras que em vão busco no indicador da casa Laemmert.

Por outro lado, se era politico e extremado, levando ás ultimas consequencias suas opiniões, é licito perguntar em que campo vasto se exerceu a sua influencia e foi entrevista notoriamente a sua propaganda em favor de sua fé politica — a qual somos aliás os primeiros a reconhecer como a mais firme e servida pelo caracter o mais solido? Onde a casa do parlamento em que se fez ouvir a sua palavra, qual o jornal politico em que discutiu e prégou o seu ideal — o nativismo?

Não que tenhamos sido adversarios em materia politica, nem porque não admirassemos sempre n'elle uma mentalidade superior, honra da nossa litteratura; — mas taes manifestações excessivas causam extranheza e trazem o cunho de um jacobinismo que de muito longe se avista...

E o que, tratando-se de um morto, respeitavel por outros titulos, justifica os commentarios d'aquelles que lamentando o desastroso evento não podem deixar de extranhar que a proposito d'isso se façam homenagens de caracter politico, nas quaes é visada até a pessoa do presidente da Republica, no qualificativo de assassinato emprestado a esse suicidio que todos deploramos.

Muito errado, isso que fizeram.

Léo.

## THEATROS

Apesar do calor, da falta de boas companhias, e da ausencia de novidades, sempre tem esta secção alguma cousa de novo a dizer.

Parece um paradoxo, não é? Cousas novas, sem novidades, é tolice, não é?

Não é, não senhor; e a prova vou dal-a e já.

A primeira *cousa nova* a registrar n'esta secção é a *première* do *Burro de Carga* no Lucinda, posto em scena pela veneranda Sra. Emilia Adelaide e ensaiado pelo pro-recto Sr. Furtado Coelho. Não é uma *cousa nova*? (Refiro-me á peça; nunca já mais a nenhuma dos dous citados artistas).

Pois bem. Sendo *cousa nova*, não é uma novidade o tal *Burro*. Antes pelo contrario: algures, em outras revistas do anno, de Arthur e Aluizio Azevedo, de Arthur e M. Sampaio, de V. Magalhães e Filinto, de Vicente Reis e Sampaio, de todos os que tem perpetrado o ingrato genero, já vimos aquillo mesmo... para melhor.

O conto do vigario, por exemplo, tão mal explorado na *nova* revista, no *Abacachi* já era posto em scena, do mesmo modo, nos mesmos termos, com o mesmo côrte, e apenas com uma differença: com mais espirito.

Bem se vê que não é uma novidade: será uma d'essas produções que ninguem sabe por que motivo vêm ter ao palco, e nem qual a origem, o fito, o escopo, quer litterario quer especulativo, a que visam. Uma cousa sem graça nem intenção; muito aguada, muito innocua, muito mal feita, muito mal conduzida; de sorte, que, embora os pomposos annuncios, todo o mundo que foi ao Lucinda sentiu-se roubado, e mais que isso: — contristado por ver um nucleo de bons artistas sacrificados a uma exhibição de pernas — por parte das damas, e de palhaçadas — por parte dos homens.

Imaginem que a unica phrase de espirito pronunciada por um artista em scena, e que provocou o sorriso de dous sujeitos da população agglomerada no jardim, foi a seguinte: (fallava um actor á Sra. Livia, que fazia o papel de Justiça).

— Se a Senhora não pôde obrar sózinha!

Depois d'isso, os meus amaveis leitores terão a bondade de permittir que eu lhes dê as boas noites.

Não sem antes dizer-lhes que aquella moxinifada mal arranjada teve as honras de uma pateada de encommenda, — porque tambem isso é uma *réclame* para as revistas do anno —; e que a importante produção ainda continúa em scena.

Por demais, acrescente que a revista teve um apuro de *mise-en-scène*, uma riqueza de vestuarios e de apothoses, dignos de melhor sorte — digo, de menos insossa e desenxabida cousa.

Outra *cousa nova*: a reabertura do Eldorado. Não é uma novidade, creio; mas é uma *cousa nova*, hão de confessar.

Varios senhores e varias damas entram em scena e cantam — cantam? —, ao passo que no jardim alguns individuos e individuos bebem cerveja Pá e outras produções nacionaes.

Diz-se que em scena cantam as damas... Dir-se-hia que o inverso deveria ser registrado!

No Recreio Dramatico estreou uma companhia de zarzuellas.

Tambem não é uma novidade para nós, porque muito conhecidos nossos são a Sra. Ceballos e o tenor Romeu.

Como sempre, a companhia hespanhola estreou com a *Tempestade* — a mesma com que ha muitos annos as *troupe* de zarzuellas inauguram seus trabalhos, quando vem dar ao Rio de Janeiro.

Porque isso? *Chi lo sa?*

E' uma mania, nada mais.

A Companhia é assás regular e tem conseguido do publico o favor de sua frequencia.

A *Rainha dos Genios* segue a sua carreira desequilibrada no Eden Lavradio. Desequilibrada, por isto: porque o seu equilibrio é instavel. Ora uma mutação de pessoal, ora uma suspensão de espectáculo porque sahiu tal ou qual artista; ora o diabo com botas.

Ainda n'estes ultimos dias foi noticiado que a Sra. Pepita, que veio substituir a Sra. Pepa, retirava-se da companhia e outra vinha assumir o seu logar de honra...

Uma embrulhada, uma complicação enorme, que apenas vem provar que n'aquella casa reina a maior cordialidade, que aquillo é um paraíso, um verdadeiro Eden...  
... Lavradio.

Para breve annuncia-se a reestréa (permittam o termo) da companhia Ismenia & Dias Braga, no theatro Variedades.

Não se sabe ainda com que peça reestrearão. Ha quem receie que seja com o *Monte Christo*, o tira teimas do Sr. Dias Braga; e tambem ha quem se amedronte ante a perspectiva provavel de uma *Morgadilha de Val-Flor*, a peça de resistencia da Sra. Ismenia.

Faço votos para que esses dous artistas, que entendem de sua arte e podem fazer alguma cousa em favor da rehabilitação do nosso theatro, não vão caminho identico ao que seguiu a Sra. Emilia Adelaide, cujo escopo era restabelecer o reinado do drama e acabou — ou acabará — no tal *Burro de Carga*.

Lhes desejo melhor cousa: uma boa hora de morte.

TONY.

P. S. — O redactor d'esta secção, no ultimo numero do *D. Quixote*, pronunciou-se francamente acerca da *Moema*, a opera do amador Sr. Delgado de Carvalho, dizendo que esse trabalho tinha reminiscencias de outras operas.

Seu juizo, expresso em phrase leve, como é do temperamento d'este jornal, foi talvez julgado deprimente dos creditos artisticos d'esse cavalheiro, em quem aliás reconhecemos superior talento, digno de applauso e animação.

Nada custa a quem escreve esta secção offerecer ao Sr. Delgado de Carvalho a explicação a que faz direito, desde que pôde parecer a severos julgadores que na noticia referida havia proposito do menos-cabar o amador, que já é um artista, e negar-lhe merecimento.

Não era esse o nosso intuito. Fallámos de *reminiscencias* — e ainda insistimos em nosso juizo; de plagio, não. Se a fórma pareceu aggressiva, sufficientes serão estas linhas para explicarem que não foi nosso intento deprimir — antes desejar que o talento promissor que se revelou na *Moema*, se mostre mais original em obra futura, que temos o direito de esperar d'elle.

TONY.

Agradecemos, penhoradissimos, ás directorias do Gremio Litterario Portuguez, do Pará, e do Cassino Curitybano, do Paraná, as distincções que conferiram ao nosso chefe e amigo Angelo Agostini, o primeiro conferindo-lhe o diploma de socio correspondente — e isso por proposta do digno presidente do mesmo Gremio, — e o segundo incluindo-o tambem no numero de seus socios correspondentes, por votação da assemblea d'esse Club.

Alegra-se o Angelo por vêr que seus esforços em favor da pureza e prosperidade da Republica são legitimamente avaliados, mesmo longe d'esta capital, onde elle tem assentada a sua tenda de trabalho.

E por isso, — e por elle — agradecemos as distincções de que foi alvo.



Sancho Pança — É dizer que ainda há vinte dias nós tiritávamos de frio! Uff!!



A.

D. Q — Então, adeus meu velho! Não foste dos melhores, mas também não foste dos piores...  
Desejo-te boa saída.

S. P. — É melhores entradas...  
de assignantes.